

ELEIÇÃO NOS EUA

Para um Brasil que deseja ampliar sua participação no mercado norte-americano e que espera uma ampla política de combate ao aquecimento global, o melhor presidente dos EUA é aquele em quem votaram 11% dos eleitores norte-americanos

POR PEDRO DORIA



Diz o clichê que, para o Brasil, é melhor ver os Estados Unidos governados por um republicano. O argumento segue afirmando que o Partido Democrata é por natureza protecionista e que o Republicano tem uma queda pelo livre mercado. Há dois tipos de clichês. Uns pecam por simplificar a realidade; outros por estarem completamente errados. A idéia de que o ideal brasileiro seria uma presidência norte-americana republicana é do segundo tipo. E não é difícil entender porquê.

DRAMA ELEITORAL. Ao longo deste ano, o grande drama eleitoral norte-americano vai se apresentar ao mundo. Desconte-se o incrível crescimento chinês, a decadência do dólar e o fiasco das intervenções militares do governo George W. Bush, ainda assim a pessoa com maior concentração de poder individual no planeta será aquela cujo escritório for no Salão Oval, na ala oeste da Casa Branca. O que sustenta sua autoridade não é pouco: quase 30% do PIB mundial, o equivalente a 40% do orçamento militar somado de todos os países e 17 universidades na lista das Top 20. Os EUA ainda terão o dinheiro, os soldados e os cérebros por muitos anos.

Outras das incompreensões comuns do país diz respeito ao sistema bipartidário. Há quem suspeite que só dois partidos limitam o número de opções no espectro político. Não é assim. Em países que operam no regime bipartidário, as legendas funcionam como grandes coligações de grupos de interesses distintos.

Naturalmente, quando cada grupo traz suas prioridades, surge atrito. A manutenção de equilíbrio interno em cada partido que permita a defesa de um único programa de governo é árdua. Mas, quando o partido chega ao poder, a coligação que irá sustentá-lo e dar condições de governo já está pronta e organizada. Não acontecem, como nos regimes multipartidários, constantes rearranjos dos muitos partidos na base governista.

Em alguns raros momentos da história, os atritos são irreconciliáveis e um desses grupos de interesse

deixa o partido em que estava para se juntar a outro. Durante o século XX, aconteceu duas vezes nos EUA, quase três. E é possível que, nesta eleição, aconteça novamente.

DEMOCRATAS X REPUBLICANOS. No início do século XX, o Partido Democrata representava o sul agrícola, derrotado na Guerra Civil que quase cindiu o país; o Republicano, de Abraham Lincoln, era o preferido do Norte industrial. Essa divisão se manteve até a Grande Depressão, a eleição de Franklin Roosevelt e seu projeto econômico keynesiano, o New Deal. Os grandes industriais permaneceram republicanos. Mas o operariado faminto e desempregado, não.

A migração da classe média do Norte para o Partido Democrata criou uma maioria eleitoral tão avassaladora que Roosevelt foi reeleito presidente quatro vezes, e Harry Truman, John Kennedy e Lyndon Johnson, uma vez cada. Os republicanos, nesse período, só elegeram um presidente, Dwight Eisenhower, por dois mandatos. É um placar de 7 a 2. Aí houve a segunda migração, provocada por um fenômeno tão impactante quanto a Depressão: o fim da política de segregação racial.

Nos anos 60, tanto Kennedy quanto Johnson usaram força militar, no Sul, para pôr fim ao racismo legal de Estado. Veio a integração – e lá se foi a classe média branca do sul para o Partido Republicano. Desde então, vieram 11 mandatos presidenciais – apenas três deles democratas.

Ronald Reagan foi o presidente que quase conseguiu uma terceira grande migração. O Partido Democrata sempre havia sido o partido militarista. Foram democratas que fizeram a secessão no século XIX, presidentes democratas estiveram à frente do país quando foram declaradas a Primeira e a Segunda Guerras, a da Coréia e a do Vietnã. Mas o Vietnã, considerado internamente um erro, traumatizou as novas gerações de líderes do partido.

Na década de 1980, com o fantasma soviético ainda presente, Ronald Reagan incorporou o discurso belicista e, com isso, atraiu os votos de um grupo de eleitores que os estatísticos passaram a denominar Reagan Democrats. Eles

